

PRÁTICAS DE ORIENTAÇÃO E EDUCAÇÃO FÍSICA: UM ESTUDO DE REVISÃO
PRÁCTICAS DE ORIENTACIÓN Y EDUCACIÓN FÍSICA: UN ESTUDIO DE REVISIÓN
ORIENTATION AND PHYSICAL EDUCATION PRACTICES: A REVIEW STUDY

Fernanda Leocadio Bitencourt Sombra*

fernanda.leocadio@hotmail.com

Cassio Martins*

professorcassio@hotmail.com

Cassiane Nunes Leite*

cassianeln2.0@gmail.com

Marcelo Paraiso Alves**

marcelo.alves@ifrj.edu.br

*Centro Universitário de Volta Redonda, Volta Redonda/RJ - Brasil

**Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro, Volta Redonda /RJ - Brasil

Resumo

A educação física escolar (EFE) historicamente privilegiou os esportes de quadra (Handebol, Voleibol, Futsal, Basquetebol), reduzindo as experiências dos(as) estudantes da Educação Básica aos esportes com bola. Assim, ao priorizar o uso da Orientação como um conteúdo para as aulas de EFE nos deparamos com inúmeras terminologias para a referida cultura corporal de movimento. Desse modo, o trabalho objetiva investigar as noções ou terminologias vinculadas a Corrida de Orientação, Esporte Orientação e Orientação, bem como as suas especificidades e o modo como são utilizadas. No intuito de atingir o objetivo da pesquisa optamos pela revisão integrativa e, respectivamente, para a produção de dados optamos pelas seguintes bases: Banco de Teses e Dissertações da CAPES; SciELO; LILACS, e, por fim, os anais do CBAA, devido à sua relevância nacional e internacional no âmbito das Atividades de Aventura. Como resultante da análise e discussão dos dados da pesquisa optamos por problematizar a noção de Práticas de Orientação como uma proposição para a Educação Física Escolar.

PALAVRAS CHAVE: Orientação, Escola, Educação Básica.

Resumen

La Educación Física Escolar (EFE) ha privilegiado históricamente los deportes de cancha (Balonmano, Voleibol, Fútbol sala , Baloncesto), reduciendo las experiencias de los estudiantes de Educación Básica a los deportes de pelota. Así, al priorizar el uso de la Orientación como contenido para las clases de Educación Física, nos encontramos con numerosas terminologías para la cultura corporal del movimiento antes mencionada. Así, el trabajo tiene como objetivo investigar las nociones o terminologías ligadas a la Carrera de Orientación, Orientación Deportiva y Orientación, así como sus especificidades y la forma en que se utilizan. Para lograr el objetivo de la investigación, optamos por la revisión integradora y, respectivamente, para la producción de datos, optamos por las siguientes bases de datos: Banco de Tesis y Disertaciones CAPES; ScIELO; LILACS, y, finalmente, los anales de la CBAA, por su relevancia nacional e internacional en el contexto de las Actividades de Aventura. Como resultado del análisis y discusión de los datos de la investigación, optamos por problematizar la noción de Prácticas de Orientación como propuesta para la Educación Física Escolar.

PALABRAS CLAVE: Orientación, Escuela, Educación Básica.

Abstract

School physical education (EFE) has historically favored court sports (Handball, Volleyball, Futsal, Basketball), reducing the experiences of Basic Education students to ball sports. Thus, when prioritizing the use of Orientation as a content for PE classes, we came across numerous terminologies for the aforementioned body culture of movement. Thus, the work aims to investigate the notions or terminology linked to Orienteering Race, Sport Orienteering and Orienteering, as well as their specificities and the way they are used. In order to achieve the research objective, we opted for the integrative review and, respectively, for the production of data, we opted for the following databases: CAPES Bank of Theses and Dissertations; ScIELO; LILACS, and, finally, the annals of the CBAA, due to its national and international relevance in the context of Adventure Activities. As a result of the analysis and discussion of the research data, we chose to problematize the notion of Guidance Practices as a proposition for School Physical Education.

KEYWORDS: Orientation, School, Basic Education.

1. Introdução

Surpreender-se é começar a entender.

Ortega e Gasset

O interior do “pensável” geralmente é habitado por algum tipo de herança de natureza ideológica, pragmática e outras tantas. Aparentemente, o que pode ser pensado encontra-se em repouso, é algo concluído, pleno. Confortável, eu diria. Contudo, consoante ao que destaca Certeau, sempre há possibilidades ao transbordamento do “pensável” e ao congruente emergir de outro pensar (LACERDA, 2015, p. 2).

A surpresa é marcada pela imprevisibilidade, pela dúvida, pois ela abala as certezas, desestrutura convicções e delinea novas rotas. Assim, inspirados(as) em Certeau (2011), concebemo-nos como sujeitos ordinários, visto que, consumimos os produtos que chegam até nós, mas a partir de operações multiformes somos capazes de intervir sutilmente na ordem dominante.

Desse modo, experienciando o projeto de extensão com foco na Orientação¹, desenvolvido pelo Instituto Federal do Rio de Janeiro (IFRJ) – *campus* avançado Resende, fomos nos surpreendendo com as ações educativas propostas pela referida prática extensionista.

Tal surpresa se deve pelo potencial educativo desta prática (SILVA, 2020) e por sua escassa difusão na região, pois, ao ultrapassar os limites do *campus* Resende, ocupando outros espaços no município, as escolas foram convidadas a extrapolar os muros institucionais, a fim de se apropriar de novos conhecimentos no âmbito da cultura corporal de movimento (CÂNDIDO *et al.*, 2019).

Cabe frisar que o projeto supramencionado opera com viés na Orientação tendo como um de seus pilares a formação de professores das escolas do município de Resende-RJ, além de um espaço de experimentação para os(as) estudantes das referidas unidades escolares. Especificamente, a referida experimentação apresentou como proposição as práticas corporais de maneira inclusiva, saudável e prazerosa, entendendo-as como alternativa de educação para o lazer e para o meio ambiente, pois são ações desenvolvidas no espaço do Parque das Águas localizado na área central do município.

Assim, tomando este cenário como inspiração, optamos pelo enfrentamento à ótica que opera privilegiando a hegemonia dos esportes de quadra nas aulas de Educação Física – Handebol, Futsal, Basquetebol, Voleibol – (TAHARA; CANGLIARI; DARIDO, 2017, p. 3), pois entendemos que o referido processo de ensino reduz as experiências dos(as) estudantes aos esportes com bola.

Desse modo, fomos convidados(as), pela docente responsável do projeto supramencionado, para nos inserirmos nesse movimento extensionista, mesmo estando em uma escola periférica da cidade de Volta Redonda, nos deixamos afetar pela Orientação. Desse modo, ao fazê-lo, deparamo-nos com diversas dificuldades, sendo que parte delas, a exemplo de como adaptar materiais para abordagem do conteúdo e como realizar a atividade em espaços limitados, foi sanada pelas apropriações das alternativas partilhadas em momentos de formação docente que ocorreram no âmbito do projeto de extensão.

Apesar disso, há desafios que ainda não foram discutidos de modo satisfatório, ou seja, a própria nomenclatura, o modo de se referir à atividade, requer atenção, visto que, enquanto esporte, a modalidade costuma ser denominada de várias maneiras: Orientação; Orientação Pedestre; Corrida de Orientação; Esporte Orientação; Desporto Orientação.

¹ “Caracteriza-se por ser uma corrida desenvolvida em florestas, matas, trilhas e campos, onde os atletas usam um mapa detalhado e uma bússola para encontrar pontos no terreno previamente mapeado. O percurso é composto por um ponto de partida, um ponto de chegada e uma série de pontos intermediários numerados (ou PC – postos de controle), por onde o praticante terá que passar seguindo a sequência determinada no mapa” (Tahara; Tagliari; Darido, 2017, p. 3).

Sendo assim, diante da multiplicidade de termos, o estudo objetiva investigar as noções/terminologias vinculadas à Corrida de Orientação, Esporte Orientação e Orientação, bem como as suas especificidades e o modo como são utilizadas. A fim de atingir o objetivo da pesquisa, realizamos uma revisão bibliográfica de cunho descritivo, tendo como *locus* de produção os seguintes bancos de dados: Banco de Teses e Dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), as plataformas *Scientific Electronic Library Online* (SciELO) e Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS), e os anais do Congresso Brasileiro de Atividade de Aventura (CBAA).

No rastro do primeiro objetivo, pretendemos *desvelar* (Pais, 2003) – retirar o véu, no sentido da *mostração*² –, a origem destes termos nos remetendo a outro questionamento: Até que ponto tais proposições dialogam com as múltiplas experiências que se materializam nos cotidianos escolares?

Desse modo, é importante frisar que entendemos a experiência não como algo “que nos passa”, mas como algo que nos acontece e nos marca (LARROSA, 2002, p. 21). Portanto, embora a proposta de uma vivência possa ser única para determinado grupo, a experiência é algo que varia de indivíduo para indivíduo. Lacerda (2015) define experiência como o encontro entre o que já é conhecido e os significados que emergem por meio de novas percepções. Impossível ser experimentada da mesma forma por um coletivo, mas pode ser socializada e conhecida a partir de múltiplos sentidos.

Nesta direção, é possível que um percurso de Orientação seja experienciado de formas muito diferentes pelos sujeitos, podendo cumprir expectativas ligadas à realização de um esporte em uma perspectiva competitiva e/ou de lazer, socialização ou mesmo como um conteúdo a ser ensinado na escola por diferentes disciplinas para atingir objetivos convergentes ou não.

Estas experiências tão plurais e, ao mesmo tempo, tão singulares escapam da rigidez proposta pelos conceitos engessados por algumas palavras. Concordamos com Larrosa (2002, p. 21), ao afirmar que: “[...] as palavras produzem sentido, criam realidades e, às vezes, funcionam como potentes mecanismos de subjetivação [...]. As palavras determinam nossos pensamentos, porque não pensamos com pensamentos, mas com palavras”.

Diante do exposto, temos como desdobramento desta pesquisa uma proposição fundada na noção de Maffesoli (2008, p. 7) visto que: “[...] é preciso encontrar noções menos verdadeiras possíveis. O conceito busca a verdade. A noção busca a semelhança [...], por isso [...] insisto na ideia de superação do conceito pela humildade da noção”.

Ao encontro das proposições de Maffesoli (2008), a noção proposta no presente estudo está ligada à ideia de “prática”, conforme discute Certeau (1996, p. 39), ou seja, uma “[...] combinação mais ou menos coerente, mais ou menos fluida de elementos cotidianos concretos ou ideológicos e ao mesmo tempo passados por uma tradição e realizados dia a dia através dos comportamentos que traduzem uma visibilidade social”.

Assim, trazer a noção de “prática” (CERTEAU, 1996) ao estudo, se deve por uma tentativa de ressignificação da cultura corporal de movimento tradicionalmente reconhecida como Orientação, Esporte de Orientação, Corrida de Orientação, Corrida Orientada, Orientação Pedestre, Desporto de Orientação.

2. Percurso Metodológico

² Para Maffesoli (1998), a diferença entre *mostração* e *demonstração* emerge enredada à separação entre o pensamento e a pós-modernidade. Enquanto na modernidade a centralidade está na preocupação de se comprovar algo, por isso enredar-se às conclusões de ideias e argumentos, na pós-modernidade a centralidade está no desvelamento do pensamento plural: “[...] o mundo, sua retórica, seus feitos são, essencialmente, plurais, não se prestam a uma conclusão, mas sim a uma abertura. [...] Não devem, portanto, constituir objeto de uma demonstração, mas sim de uma *mostração*” (Maffesoli, 1998, p. 114).

A palavra *artífice* evoca imediatamente uma imagem. Olhando pela janela da oficina de um carpinteiro, vemos lá dentro um homem de idade cercado de ferramentas. [...] O *artífice* também pode ser visto num laboratório próximo. Nele, uma jovem técnica franze as sobrancelhas diante de uma mesa na qual estão estendidos seis coelhos mortos, tendo voltadas para cima suas barrigas abertas [...]. Um terceiro *artífice* poderia ser ouvido na sala de concertos da cidade. Uma orquestra ensaia com um regente convidado; ele trabalha obsessivamente com a seleção de cordas, repetindo interminavelmente uma passagem para fazer que os músicos ataquem as cordas com seus arcos exatamente na mesma velocidade [...] (Sennett, 2009, p. 29).

2.1. A Oficina e o *artífice*³: desenho e periodização

Ao modo de *artífice* fomos traçando um percurso que pudesse alcançar o objetivo do presente estudo. Desse modo, optamos por construir o projeto artesanal a partir da pesquisa bibliográfica (GIL, 2002), sobretudo por considerarmos que este tipo de investigação pode ser desenvolvido a partir de materiais já elaborados, constituídos fundamentalmente com livros e artigos científicos.

A esse respeito, Gil (2002, p. 4) ainda nos chama a atenção para o fato de que: “[...] embora em quase todos os estudos seja exigido algum tipo de trabalho dessa natureza, há pesquisas desenvolvidas exclusivamente a partir de fontes bibliográficas”, conforme o estudo aqui proposto.

Nesse sentido, outro aspecto a ser considerado reside na abrangência que esta propicia ao permitir o acesso a uma “[...] gama de fenômenos muito mais ampla do que aquela que poderia pesquisar diretamente. Essa vantagem torna-se particularmente importante quando o problema de pesquisa requer dados muito dispersos pelo espaço” (GIL, 2002, p. 4).

Cabe, ainda, frisar que o processo investigativo foi organizado sob a forma de revisão integrativa, pois este procedimento permite a composição dos dados a partir de estudos publicados, possibilitando considerações a respeito do *modus operandi* de um determinado fenômeno, conceito, noção, dentre outros. Assim, a revisão integrativa da literatura (RIL) proporciona problematizar e identificar lacunas em relação ao fenômeno em estudo, que, neste caso, emerge das noções de Orientação, Esporte de Orientação, Desporto Orientação e Corrida de Orientação.

De acordo com Sousa, Silva e Carvalho (2010), essa técnica permite também atualizar as discussões relacionadas a um tema específico, pois opera a partir da síntese de estudos publicados. Desse modo, seguindo a lógica (Sousa; Silva; Carvalho, 2010) para a construção da revisão aqui proposta, percorremos seis etapas: (I) estabelecimento da pergunta norteadora; (II) interpretação de dados das bases; (III) criação de um banco de dados em uma planilha; (IV) análises dos trabalhos por meio dos critérios de inclusão e exclusão; (V) apresentação e discussão dos resultados e (VI) síntese do conhecimento.

Na primeira etapa, foi delineada a seguinte questão: quais conceitos fundamentam as terminologias Esporte de Orientação, Esporte Orientação, Corrida de Orientação, Desporto de Orientação e Orientação?

No que se referem à produção de dados, as bases utilizadas foram as seguintes: Banco de Teses e Dissertações da CAPES; ScIELO; LILACS, e, por fim, os anais do CBAA, devido à sua relevância nacional e internacional no âmbito das Atividades de Aventura.

³ Inicialmente, é fundamental que saibamos que o *artífice*, como um trabalhador que estando envolvido com “[...] o ofício artesanal se envolve no trabalho em si mesmo e por si mesmo; as satisfações do trabalho são de per se uma recompensa; os detalhes do trabalho cotidiano são ligados, no espírito do trabalhador, ao produto final; o trabalhador pode controlar seus atos no trabalho; a habilidade se desenvolve no processo do trabalho; o trabalho está ligado à liberdade de experimentar; finalmente, a família, a comunidade e a política são avaliadas pelos padrões de satisfação interior, coerência e experimentação artesanal” (Sennett, 2009, p. 38).

Na segunda fase, produção⁴ de dados e os critérios de inclusão e exclusão, salientamos a necessidade de singularização no/do processo de pesquisa ao modo do artesão. Para Sennett (2009, p. 19), a “habilidade artesanal designa um impulso humano básico e permanente, o desejo de um trabalho benfeito por si mesmo”. Essa noção de “habilidade artesanal” é mais abrangente que um trabalho derivado das habilidades manuais, pois “[...] diz respeito ao programa de computador, ao médico e ao artista”, no nosso caso, aos orientistas e aqueles que utilizam tal fenômeno sociocultural (Sennett, 2009).

Diante do exposto, a singularização da produção dos dados, se deu pelo funcionamento particularizado do portal da CAPES, que nos exigiu a realização da busca com os descritores separadamente e com uso de aspas: Esporte de Orientação, Corrida de Orientação, Desporto Orientação e Orientação. Acerca do recorte temporal, decidimos trabalhar a partir do período compreendido entre os anos de 2001 e 2021, visto que o primeiro estudo encontrado na referida plataforma emergiu no ano de 2001, justificando-se, portanto, a escolha.

E, mais uma vez, evidenciamos que essa escolha foi ao encontro das ideias de Sennett (2009, p. 20), pois “[...] todo bom artífice sustenta um diálogo entre práticas concretas e ideias; esse diálogo evolui para o estabelecimento de hábitos prolongados, que por sua vez criam um ritmo entre a solução de problema e a identificação de problemas”.

Prosseguindo com a produção dos dados, ressaltamos que, nas bases de dados ScIELO e LILACS, os descritores acima mencionados foram articulados à área da Educação Física, tendo sido utilizado o operador booleano *and* para otimizar a obtenção de informações, conforme sugerem Teixeira *et al.* (2019). Portanto, a constituição dos descritores permaneceu com a seguinte configuração: Esporte de Orientação e Educação Física; Corrida de Orientação e Educação Física; Desporto Orientação e Educação Física; Orientação e Educação Física.

Em relação às publicações presentes nos anais do CBAA, realizamos a pesquisa nas dez edições existentes no período compreendido entre os anos de 2006 a 2018. Foram lidos todos os trabalhos completos, acima de 5 laudas, que se articulavam à terminologia Orientação. A referida escolha se deu pela possibilidade do uso da ferramenta de pesquisa, por intermédio do Ctrl – F (Adobe Acrobat) para Windows.

Cabe frisar que o localizador de palavras nos permitiu encontrar o termo Orientação em todos os trabalhos publicados nos anais. Posteriormente, os trabalhos completos foram lidos e incluídos como dados da pesquisa.

Assim, considerando as publicações produzidas a partir das bases, inicialmente fizemos a leitura dos títulos dos trabalhos no intuito de identificar indícios (Ginzburg, 1989) de que houvesse aderência aos descritores e ao objetivo da pesquisa, portanto, que nos remetessem ao fenômeno aqui estudado: Orientação.

Tendo sido identificados os descritores nos títulos ou nas palavras-chave, iniciamos a leitura dos resumos para verificar a aderência do trabalho apreendido nas bases com o escopo da investigação. Por fim, os documentos selecionados foram lidos integralmente.

Com o intuito de criar um banco de dados, elaboramos uma planilha dividida em quatro colunas que cumpriram a finalidade de apresentar as seguintes informações: título da publicação; autores e autoras; delineamento da pesquisa; ano de publicação.

Assim, o processo de seleção dos estudos foi realizado via perspectiva indiciária (GINZBURG, 1989) em títulos e resumos, de maneira que foram para o processo final os trabalhos que atendiam aos critérios de inclusão já mencionados. Ao final do processo mencionado, foram selecionados: nenhum artigo da SCIELO; um trabalho da LILACS; oito produções da CAPES (sendo 2 teses e 6 dissertações); 12 artigos completos do CBAA, compondo uma revisão com 21 trabalhos.

⁴ Neste estudo, a noção que nos remete ao uso do termo – produção de dados – emerge do sentido dado por Pais (2003, p. 69) ao considerar que investigar “vem do termo latim *vestigio*, donde deriva também a palavra vestígio. Investigar significa, então, ir na pegada dos vestígios. Vestígios que são indiciantes de descobertas científicas”.

3. Corrida de Orientação, desporto orientação, esporte orientação, orientação: sinais das diversas rotas percorridas

3.1. À Guisa de Apresentação dos Dados

Considerando que o fenômeno – Orientação – a ser investigado no estudo se constitui de maneira complexa, inviabilizando a possibilidade de estabelecer relações lineares e deterministas, ficou-nos evidente com os resultados que múltiplas rotas foram percorridas pelos atores sociais.

Assim, delinearemos neste momento alguns caminhos, prováveis encontros e bifurcações que permearam este percurso: inicialmente, apresentaremos os dados referentes ao Banco de Teses e Dissertações da CAPES com o uso dos seguintes descritores: Orientação, Corrida de Orientação, Esporte de Orientação e Desporto de Orientação na Base. A inserção dos termos ocorreu de forma individual e entre aspas. O recorte temporal utilizado foi 2001 (período de registro da primeira publicação) até janeiro 2021. Sendo assim, ao inserirmos o termo “Orientação” encontramos 13 (treze) trabalhos, destes, 6 (seis) foram descartados por tratarem do termo Orientação com outro sentido do abordado neste estudo, por exemplo, orientação alimentar, orientação escolar, dentre outros.

Com relação ao termo “Corrida de Orientação” encontramos um total de 4 (quatro) trabalhos, sendo a dissertação de Murray (2001) descartada por não termos acesso à produção na íntegra, o trabalho de Franca (2016) e Silva (2019) já foram identificados com o descritor “Orientação”, resultando em apenas um trabalho.

Já o descritor Esporte de Orientação apresentou em sua busca 5 (cinco) trabalhos, sendo 2 (dois) descartados por não se tratar da temática em questão: Hirota (2006) e Chaves (2015) utilizaram o questionário do Esporte Orientação para tarefa e motivação esportiva do futebol. Portanto, nos dois estudos, o termo “orientação” foi empregado em outro sentido.

Tanto os trabalhos de Scherma (2010) quanto de Bezerra (2018) já foram identificados por meio dos descritores anteriores. E a dissertação de Valeriano (2011) não foi encontrada na íntegra.

Por fim, com o descritor “Desporto Orientação”, não encontramos trabalhos na Base da CAPES. Desse modo, foram selecionados um total de 8 (oito) trabalhos, conforme disposto na tabela a seguir:

Tabela 1. Base de Dados da CAPES

	Título	Autor(a)	Pesquisa	Ano
1	Esporte Orientação e formação de professores de Geografia: uma experiência com cartografia escolar	Arcênio Meneses da Silva	Pesquisa participante	2013
2	O Desporto Orientação como Ferramenta para o Ensino da Matemática'	Adriana Hartmann	Pesquisa Bibliográfica	2014
3	Práticas corporais de aventura nas aulas de Educação Física: as possibilidades pedagógicas no 5º ano do Ensino Fundamental	Dilvano Leder de Franca	Pesquisa Bibliográfica, documental, participante	2016
4	Memória de Atenah: trajetórias de mulheres brasileiras na corrida de aventura	Fabiana Duarte e Silva	Pesquisa descritiva	2018
5	O ensino do esporte Orientação na escola: possibilidades e limites de	Dayse Alisson Camara Cauper	Pesquisa participante	2018

	uma proposta à luz da metodologia crítico-superadora			
6	Alfabetização cartográfica a partir do Esporte de Orientação'	Kleitton Ramires Pires Bezerra	Pesquisa de campo	2018
7	Corrida de Orientação: estratégia pedagógica para a Educação Física na Educação profissional e Tecnológica	Flávia Heloisa da Silva	Estudo de caso	2019
8	Corrida de orientação: uma proposta metodológica para o ensino da geografia e da cartografia	Elka Paccelli Scherma	Pesquisa-ação	2010

Fonte: Os autores.

Com relação aos dados obtidos na ScIELO e LILACS, ressaltamos que tivemos a oportunidade de utilizar os descritores supracitados (Orientação, Corrida de Orientação, Esporte de Orientação e Desporto de Orientação na Base) entre aspas, juntamente com o termo Educação Física. Salientamos o uso do operador booleano *and* otimizando assim a pesquisa. Assim, na ScIELO, ao inserirmos os termos Esportes de Orientação *and* Educação Física encontramos 27 resultados, todos, porém, descartados.

Quando incluímos os termos Corrida de Orientação *and* Educação Física não obtivemos nenhum resultado. O mesmo ocorreu ao utilizarmos o termo Desporto de Orientação.

Já a pesquisa com o termo Orientação *and* Educação Física encontrou 75 resultados. Após a leitura do título e dos resumos, apenas dois (2) trabalhos foram escolhidos, visto que os setenta e três trabalhos excluídos utilizavam o termo orientação em sentido diferente do preconizado pelo presente estudo. Todavia, ao aprofundar a leitura dos trabalhos posteriormente, percebemos que os artigos eram referentes a testes de conhecimento tático processual, não sendo, por isso, úteis para o levantamento de dados necessário. Nesse sentido, os dois trabalhos também foram excluídos, não sendo possível apreender dados a partir do referido descritor.

Com relação ao LILACS, quando utilizamos o termo Esporte de Orientação e Educação Física, encontramos um total de nove (9) trabalhos, mas somente o artigo de Scopel *et al.* (2019) estabelecia um diálogo com o nosso objeto de estudo.

A pesquisa com os termos Corrida de Orientação e Educação Física encontrou cinco (5) estudos, que foram descartados por não contemplarem a temática da pesquisa.

Por fim, com o termo Orientação e Educação Física foram encontrados 164 artigos, sendo 163 foram descartados, por não atenderem ao escopo do estudo, permanecendo apenas um (1) estudo selecionado (Scopel *et al.*, 2019). Contudo, o referido material já estava incluído no estudo, visto ter sido identificado junto ao descritor Esporte Orientação.

Com relação ao CBAA, sendo este um dos congressos significativos da área de aventura, optamos por investigar as suas dez (10) edições. Tal escolha nos permitiu trabalhar artesanalmente (Sennett, 2009), pois os anais do evento estavam em formato PDF, possibilitando-nos o uso da pesquisa por intermédio do Ctrl – F (Adobe Acrobat) para Windows.

Em nossa pesquisa, detectamos que, nas edições I, II e III, não havia produções com esta temática. No IV, não encontramos trabalhos completos (mínimo de cinco (5) laudas), apenas resumos, o que não nos possibilitou acessar detalhes dos trabalhos.

Diante do exposto, salientamos que a partir do V CBAA, o seguinte quantitativo foi identificado: quatro (4) trabalhos completos no V CBAA, dos autores Melo, Soares; Santos, Mendes, Alves; Pimentel; Silva, Kippert, Merlo (2010). Já na sexta edição encontramos um (1) trabalho de Pereira (2011). No VII, encontramos dois (2) artigos: Pereira, Bezerra; Júnior e Bezerra (2012). Também registramos dois (2) artigos no VIII CBAA, cujos autores são: Auricchio; Silva, Alves, Pimentel, Oliveira (2014). No IX não

obtivemos nenhum resultado e no último congresso identificamos três (3) artigos: Silva, Mourão, Bandeira; Nicácio, Freitas e Silva; Silva, Mourão, Bandeira (2018). Vejamos a tabela a seguir:

Tabela 2. Relação de dados recolhidos nos anais do CBAA

	Título	Autores/autoras	Tipo de pesquisa	Ano/base
1	Atividade Física de Aventura na natureza na escola na cidade de Bonito, MS: Um estudo de caso	Melo, R.A; Soares, I.C.	Estudo de caso	2010
2	Esporte de aventura: entre o urbano e a natureza	Santos, J.P; Mendes, M.T; Alves, M.A.F	Bibliográfica	2010
3	Esporte na natureza: fragmentos contraditórios de um objeto em construção	Pimentel, G.G deA	Ensaio	2010
4	Educação pela aventura? Em cena a opinião dos educadores participantes do programa de extensão Portas Abertas	Silva, A; Kippert, G.C; Merlo, J.A.	Pesquisa qualitativa do tipo exploratória e descritiva/ pesquisa de campo	2010
5	A arca de Noé e a Educação Física	Pereira, D.W.	Qualitativa/estudo de caso descritivo	2011
6	Atividade de Aventura como prática pedagógico para as aulas de Educação Física	Pereira, G.G.C; Bezerra, A.F.S	Pesquisa qualitativa/pesquisa-ação	2012
7	Aplicação das atividades de aventura em escola militar do Ensino Médio: desafios e possibilidades	Júnior, O.C.R; Bezerra, A.F.S	Pesquisa qualitativa/pesquisa ação	2012
8	Formação dos profissionais da cidade de socorro- sp em atividades de aventura no âmbito do lazer	Auricchio, J.R.	Pesquisa de campo	2014
9	Programa segundo tempo: uma proposta de inserção de atividades de aventura	Silva, E.R; Alves, F.B; Pimentel, G.G.A; Oliveira, A.A.B	Pesquisa-ação	2014
10	Memórias de Atenah: Trajetórias de mulheres brasileiras na corrida de aventura	Silva, F.D; Mourão, L.N; Bandeira, M.M.	Pesquisa qualitativa/narrativa pessoal	2018
11	A aventura na Educação Física escolar em questão: diálogos sobre a formação dos professores	Nicácio, L.G; Freitas, A.F.S; Silva, M.T		2018
12	A verdadeira aventura: relato de uma mãe atleta de corrida de aventura na etapa do campeonato Mundial	Silva, F.D; Mourão, L.N; Bandeira, M.M	Qualitativa/narração	2018

Fonte: Os autores.

Assim, finalizando a quinta fase – Apresentação dos Dados – salientamos que o processo de seleção dos estudos foi realizado por intermédio da leitura dos títulos e resumos, de modo que foram

para a seleção final os estudos que atendiam aos critérios de inclusão supramencionados na metodologia. Ao final, foram selecionados oito (8) artigos da CAPES; doze (12) artigos CBBAA e um (1) artigo no LILACS, o que permitiu compor um processo de revisão por meio de vinte e um (21) artigos.

Dentre os vinte e um (21) trabalhos encontrados, quatorze (14) têm como espaço de discussão a escola. No Banco de Teses e Dissertações da CAPES, encontramos sete (7) trabalhos sobre a escola, diante de um currículo fragmentado em disciplinas foi observado que a prática em estudo (Orientação) foi tematizada nas disciplinas Educação Física (3 trabalhos encontrados), Geografia (3 trabalhos encontrados) e Matemática (1 trabalho).

4. Discussão dos Resultados

Ao considerarmos o movimento proposto na introdução do trabalho, deixamos nos surpreender pelos dados por meio de uma sociologia compreensiva – mostraçã (Maffesoli, 1998) -, ao contrário daquela que prima pela demonstração e constatação do mesmo, optamos por apresentar as discussões a partir de duas temáticas que consideramos centrais e que se revelaram indiciariamente (GINZBURG, 1989): a primeira temática, que está enredada ao objetivo do estudo – investigar os conceitos que fundamentam as terminologias Corrida de Orientação, Orientação, Esporte Orientação e Desporto Orientação, que na discussão está a ser concebidas como um lugar de contradição entre o que é dito e o praticado⁵; E a segunda, que emerge da ruptura com o mesmo, isto é, que se apresenta em um espaço híbrido, fluído, multifacetado, porque mergulha com todos os sentidos na realidade singular do *espaçotempo* praticado (CERTEAU, 1994).

4.1. Corrida de Orientação, Desporto Orientação, Esporte de Orientação, Orientação: Onde está o Azimute?

O que ficou evidente, no primeiro momento, foram os trabalhos de Silva (2013) e Cauper (2018), em que ocorre a opção por um determinado termo, no caso, a Orientação. A justificativa para o referido uso emerge da sugestão realizada pela Confederação Brasileira de Orientação (CBO), conforme disposto:

Para evitar mal-entendidos, a **Confederação Brasileira de Orientação (CBO) estabeleceu a utilização do termo Orientação**, iniciada com letra maiúscula, como sendo o mais adequado para nomear esse **esporte** em língua portuguesa. O que está transcrito em sua documental oficial é que a Orientação é um esporte no qual os competidores navegam de forma independente através do terreno. [...] Dessa forma, esse é o termo que deve ser usado em publicações científicas ou comunicações escritas sobre esse esporte no Brasil (SILVA, 2013, p. 57). **Grifos dos autores.**

Desse modo, gostaríamos de trazer à tona uma pista (Ginzburg, 1989) que nos remete a uma direção: o uso da CBO como referência e a denominação de esporte para a referida prática corporal. Trazer estes sinais à tona se deve por percebermos que ao trabalhar com a proposição da confederação, Silva (2013) se aproxima do significado de esporte caracterizado por um conceito que estabelece relações com as noções de competição, de prática de atividades físicas, de promoção da saúde.

Sabemos, a partir de Melo (2010, p. 45), que a “literatura não é conclusiva acerca da possibilidade de uma história do conceito esporte”, mas existem tendências ou correntes que buscam defini-lo:

⁵ Neste estudo, vamos trabalhar com a ideia *certeuniana* de que o sujeito comum não é apenas um consumidor passivo, mas que, em diversas oportunidades, reinventa aquilo que chega até ele de modo a atender as suas demandas, anseios e necessidades (Certeau, 1994), portanto, o sujeito ordinário por intermédio de suas práticas cotidianas ressignifica os produtos que consome.

Um olhar panorâmico nos permite identificar duas grandes tendências no que se refere ao tema: a) **propugna-se que a manifestação esportiva já existia na Antiguidade, sendo perceptível em jogos que eram praticados por chineses, egípcios, gregos, romanos, entre outros;** b) procura-se entendê-lo como um **fenômeno moderno, que, mesmo apresentando similaridades técnicas com antigas manifestações culturais, possui sentidos e significados bastante diferenciados daqueles jogos “pré-esportivos”** (MELO, 2010, p. 45). **Grifos dos autores.**

Nessa linha de pensamento, e considerando estar acompanhado do referencial estabelecido pela confederação, instituição que normatiza e se responsabiliza pelo direcionamento dos desportos nacionais, fica-nos a impressão de que nos reportamos ao modelo de esporte de competição, conforme anunciado no trabalho.

Todavia, no contexto apresentado por Silva (2013), a modalidade é abordada como um recurso didático e enredada ao ensino da cartografia no intuito de desenvolver determinados objetivos de ensino nos processos de formação docente no âmbito da disciplina Geografia.

Desse modo, ao considerarmos a multiplicidade de sentidos da palavra “orientação”, sobretudo a partir de um estudo cujo objeto é a cartografia, observamos que apenas o emprego em maiúsculo da palavra Orientação, pode não ser suficiente para dar conta de seu sentido, podendo gerar certa confusão. Nesse contexto, para evitar este tipo de situação, compreendemos que a saída encontrada por Silva (2013) foi acrescentar a palavra “esporte”, com letra minúscula, antes do termo Orientação:

O que o **esporte Orientação** traz de novo e contribui para o desenvolvimento do universo da Cartografia escolar é o fato de que o participante, quando realiza um percurso, vivencia uma experiência concreta, colocando em prática as noções espaciais, além de recorrer intensamente à linguagem cartográfica por meio do uso de um mapa e uma bússola (SILVA, 2013, p. 165). **Grifos dos autores.**

Outrossim, é importante observar o emprego da terminologia Esporte Orientação, utilizada no título e grafada com letra maiúscula, não ficando evidente para o leitor, se a intenção era somente nomear a modalidade. Porém, no corpo do estudo, Silva (2013) evidencia a opção pela nomenclatura referida – Orientação –, inclusive com apresentação de argumentos, fazendo-nos compreender que esta foi sua opção.

Já o estudo de Cauper (2018) se apresenta a partir de sua experiência como praticante da Orientação e, simultaneamente, como docente de Educação Física da Educação Básica, de modo que uma de suas preocupações é a contextualização da Orientação no âmbito da cultura corporal de movimento, um patrimônio a ser democratizado na escola de forma crítica, por isso problematiza as proposições feitas pelas Bases Nacionais Comuns Curriculares (BNCC).

Assim, ainda que Cauper (2018) utilize o termo sugerido pela Confederação Brasileira de Orientação (CBO), uma instituição que opera de modo a universalizar e padronizar a prática da Orientação, no corpo da dissertação é possível encontrar indícios de rupturas com a lógica dominante:

A concepção tradicional de Educação Física, arraigada e alimentada por tendências pedagógicas que insistem em sustentar uma visão fragmentada e dicotômica de ser humano e de conhecimento, defende que a aula de Educação Física deve obrigatoriamente ocorrer na quadra e qualquer coisa diferente disso daria origem então às denominações: aula prática e aula teórica. Como se fosse possível haver uma prática que não fosse orientada por uma teoria. A fim de romper com as dicotomias, a metodologia de ensino crítico superadora propõe o trabalho como princípio educativo e assume o trato com o ser humano a partir da sua totalidade, indicando a superação da fragmentação do indivíduo e do conhecimento. Trata-se da ação consciente, da indissociabilidade teoria e a prática, representada pela práxis (CAUPER, 2018, p. 47).

O esforço empreendido por Cauper (2018) fez emergir uma série de apropriações da Orientação, considerando além do viés esportivo, amador e olímpico, o pedagógico em perspectiva crítica, o

treinamento militar e a brincadeira da caça ao tesouro, entre outros. No parágrafo a seguir a autora faz a seguinte consideração acerca do termo Corrida de Orientação:

Embora seja muito comum o uso do termo “Corrida de Orientação”, a CBO recomenda que esse termo não seja o mais indicado, tendo em vista que nesse esporte o praticante pode realizá-lo caminhando, correndo ou esquiando, e o uso da palavra “Corrida” é restritivo, pois não contempla todas as possibilidades de prática desse esporte. Portanto, em nosso texto, utilizamos o termo Orientação, estabelecido pela CBO como o mais adequado para se referir a essa modalidade esportiva (SILVA, 2013, p. 57).

Esta prevalência acerca do termo Corrida de Orientação foi identificada nas interpretações dos anais do CBAA, em que dos doze trabalhos encontrados, onze preconizavam o uso da nomenclatura corrida de orientação, com exceção apenas do estudo de Santos, Mendes e Alves (2010), intitulado “Esporte de Aventura: entre o urbano e a natureza”, que aborda a Orientação (caminhada ou corrida) como possibilidade de prática. Cabe frisar que os autores supracitados durante todo o trabalho defendem o esporte dentro da dimensão social, ficando evidente a sua possibilidade de aplicação na escola.

Ao fazer esta abordagem, Santos, Mendes e Alves (2010) trazem uma reflexão necessária: seria o termo corrida de orientação adequado para o espaço escolar? Uma vez que o praticante pode fazê-lo correndo, caminhando, utilizando cadeira de rodas, bicicletas.

O termo corrida de orientação ou *carrera de orientación* surgiu diante de uma dificuldade na tradução do termo Orientação nos países de língua latina. Em se tratando dos países de língua inglesa, o termo *orientation* se refere ao sentido de auxílio, vocação, ajuda e, para se referir à modalidade em estudo, utiliza-se *Orienteering*.

Já na língua portuguesa, temos uma única palavra para ambos os sentidos, o que causa confusão. Para Pasini (2003), a palavra corrida foi introduzida com o intuito de fazer as devidas distinções.

Outro trabalho que se utiliza da terminologia Orientação emerge da produção de Silva (2018). O estudo investiga a vida esportiva de atletas da corrida de aventura, um esporte em que predomina a presença de homens, brancos, com poder aquisitivo elevado. O trabalho aponta a necessidade da aplicação da Orientação na escola, como espaço privilegiado para discutir as questões de gênero, desigualdades sociais e raciais.

O estudo de Silva (2018) também nos provoca a refletir sobre a democratização das práticas de aventura no ambiente escolar, rompendo com os esportes tradicionalmente trabalhados nas aulas de Educação Física e tematizando questões fundamentais na formação dos sujeitos, conforme supramencionado (gênero, desigualdades sociais e raciais).

No trabalho de Scopel, Pimentel, Starepravo (2018), encontrado na base de dados do LILACS, ocorre uma análise acerca da política de gestão do esporte Orientação, considerando o processo de ruptura apresentado nos últimos dois anos. Foram identificadas duas coalizões, a primeira dela, chamada de “múltiplas vertentes”, compreende a Orientação como um fenômeno abrangente que engloba concomitantemente esporte, turismo e lazer. Muitas medidas foram estabelecidas no período de vigência das “múltiplas vertentes”, como a produção de um documento em que descreve a seguinte proposição:

[...] uma proposta para inserir nos currículos escolares, em todos os níveis, o desporto Orientação, como atividade capaz de agir na formação integral de crianças, jovens e adultos, dentro de uma perspectiva de educação continuada. Apresenta a modalidade esportiva a partir de três vertentes: competitiva, ambiental e pedagógica (SCOPEL; PIMENTEL; STAREPRAVO, 2018, p. 163).

Já a segunda coalizão, que se encontra em vigência, compreende a Orientação como um fenômeno exclusivamente esportivo competitivo, e também tem como proposta a sua inserção Orientação no currículo das aulas de Educação Física. No entanto, apresenta objetivos diferentes: a promoção do esporte, conquistando mais adeptos, e a atuação na formação de atletas.

Apesar de os artigos de Silva (2018) e Scopel, Pimentel e Starepravo (2018) não tratarem diretamente da temática escolar, ambos apresentam elementos importantes no que se referem à escola. O primeiro propõe a vivência das práticas de aventura na escola com o intuito de democratizá-las tematizando discussões sobre gênero e entendendo a escola como um espaço plural. O segundo sinaliza a inserção do esporte Orientação na escola em uma perspectiva esportiva competitiva incentivada pela CBO em busca de performance em um processo de exclusão e padronização dos corpos. Seria possível?

4.2. Orientação, Esporte Orientação, Desporto Orientação: possíveis aproximações às práticas ordinárias?

Se inicialmente visibilizamos estudos que optaram em conceituar a Orientação a partir da diretrizes da CBO, neste tópico vamos privilegiar os trabalhos que não tinham como centralidade a preocupação com a justificativa do uso da nomenclatura, pois apresentaram terminologias diferenciadas com o uso de dois ou mais termos para se referir à mesma cultura corporal de movimento: a Orientação.

No estudo de Scherma (2010), foi possível encontrar várias expressões para se referir à prática em discussão: Corrida de Orientação, que aparece logo no título do trabalho; o termo Orientação, empregado no resumo precedido da palavra esporte, aparecendo também em diversas partes do texto; outra maneira de denominar a referida cultura corporal de movimento se deu por meio do termo Orientação isoladamente; a palavra desporto também foi empregada, contudo Scherma (2010) menciona que, neste caso, o sentido é o mesmo da palavra esporte, sendo uma tradução do português europeu para o português falado no Brasil.

Ao primeiro olhar, parece-nos que a perspectiva adotada pela CBO (Orientação) parece ser a mais utilizada pelos autores, entretanto, sob o olhar mais aguçado, ficam-nos evidentes algumas pistas (GINZBURG, 1989) que nos revelam que a modalidade é requisitada como uma estratégia para atingir objetivos de ensino ligados à cartografia. E, neste contexto, o emaranhado de termos utilizados até então parecem não dar conta do que é praticado no cotidiano escolar.

Diante do exposto, fomos remetidos ao pensamento de Ginzburg (1989, p. 177), no intuito de seguir as pistas para compreender o que se passa, pois em vários momentos fomos levados a olhar o mesmo como se fosse um ponto de fuga: “a realidade é opaca, existem zonas privilegiadas – sinais, indícios – que permitem decifrá-la”.

De outro modo, uma combinação utilizada por Scherma (2010) nos chamou a atenção, pois ao determinar o objetivo da pesquisa mencionou que iria “refletir sobre o uso das **práticas** de Orientação como alternativa para promover a leitura cartográfica” (Scherma, 2010, p. 20, grifos nossos).

Sendo assim, cabe frisar que, apesar de buscarmos o termo “práticas de orientação” (Scherma, 2010), como um indício (GINZBURG, 1989) de ruptura com o mesmo, isto é, com as ações que se aproximam da perspectiva esportivista defendida pela CBO, salientamos que Scherma (2010) não define o que seriam as práticas de orientação.

Tal indefinição não é algo incomum, pois Lazarotti Filho *et al.* (2010), ao investigarem o uso do referido termo – práticas corporais –, a partir de um estudo de revisão, consideraram que dos “260 artigos analisados, [...] a grande maioria não explicita o entendimento de práticas corporais e somente 8% o fazem” (LAZAROTTI FILHO *et al.*, 2010, p. 18).

Igualmente, Lazarotti Filho *et al.* (2010, p. 24) nos chamam a atenção para o fato de que o termo aparece, em sua grande maioria, se referindo a múltiplas expressões relacionadas a diversas formas de ações: “[...] atividade corporal ou de manifestações culturais, tais como: atividades motoras, de lazer, ginástica, esporte, artes, recreação, exercícios, dietas, cirurgias cosméticas, dança, jogos, lutas, capoeira e circo”.

Diante do exposto, os autores (LAZAROTTI FILHO *et al.*, 2010), ao final do estudo, apresentam como uma de suas considerações, a potencialidade do uso do termo práticas corporais para se referir a um dado comum da realidade:

Identificamos nos textos analisados que o termo “práticas corporais” já se constitui com **potencialidade para ser estruturado como conceito**, necessitando, porém, de **maior estabilidade e de um certo nível de consenso dentre a comunidade acadêmica**. Ainda que provisório, um acordo entre os pesquisadores a partir do exercício conceitual, mesmo restrito a um determinado campo ou parcela significativa de uma comunidade acadêmica, faz-se necessário para obter conceitos comuns que melhor abarquem um dado da realidade e que permitam sua ampliação posterior. No campo da Educação Física, o termo “práticas corporais” vem sendo valorizado pelos pesquisadores que estabelecem relação com as **ciências humanas** e sociais, pois aqueles que dialogam com as ciências biológicas e exatas operam com o conceito de atividade física (LAZAROTTI FILHO *et al.*, 2010, p. 25). **Grifos dos autores.**

Assim, percebemos que o termo práticas de orientação nos auxilia a potencializar aquilo que nos acontece em meio a ações educativas desenvolvidas no cotidiano escolar, visto que, tais produções – conteúdos da cultura corporal de movimento – advindas da Educação Física escolar, são marcadas pela singularidade da realidade social em que está imersa, sendo afetada, portanto, pelas particularidades dos praticantes (CERTEAU, 1994) que habitam o referido *espaçotempo* escolar em detrimento das suas demandas, necessidades, interesses, que são determinados por questões políticas, culturais, de gênero, de sexualidade, de raça, de classe social, dentre outras demandas.

Especificamente nos trabalhos de Hartman (2014), Franca (2016), Bezerra (2018) e Silva (2019), encontramos indiscriminadamente os termos corrida de orientação, Esporte Orientação ou, ainda, esporte de Orientação e Desporto Orientação, não nos possibilitando definir o termo mais utilizado por cada um dos autores supramencionados. Contudo, a palavra que se repete em todas terminologias é a Orientação. Daí cabe perguntar: Seria por ela, a Orientação, ser a origem? Para Carmona (2013), por muitos anos, orientar-se pelo sol foi uma técnica utilizada de maneira significativa para muitas culturas.

Seguindo esse percurso, Pereira (2011) buscou na habilidade humana de se orientar os elementos da natureza – tais como o sol, as estrelas, as marés – para tematizar as questões de ensino em seu processo pedagógico. O estudo foi apresentado no VI CBAA, e utilizou como contraponto a Arca de Noé.

Assim, o referido estudo estabeleceu uma relação direta com a Orientação, entretanto, o diálogo realizado se deu a partir da navegação, pois a sua centralidade estava na problematização de uma disciplina de Esportes Radicais no Ensino Superior no intuito de propor a construção de um implemento navegável. Desse modo, a orientação, ao emergir enredada à navegação, ganha a singularidade e contornos de outros modos de *pensarfazer* (Certeau, 1994) a referida prática.

Tal contorno se reveste da lógica polinésia que rompe com a racionalidade ocidental que nos foi imposta, conforme nos chama a atenção Pereira (2011, p. 98-99):

A primeira lição era a atenção no ato de se orientar, que era aprendida desde a infância pelos meninos, que observavam o mar, os ventos, os animais, as estrelas e as ondas, por dias, para que pudessem adquirir um segundo conhecimento, a percepção dos pontos de referência de cada lugar, em cada momento. Era necessário nessa fase distinguir as correntes marítimas em cada época do ano, pois os animais se movimentam em função disso e as pessoas deveriam saber disso para se localizar e seguir para pontos seguros. A terceira lição envolvia a memória de tudo que se percebia, como não havia mapas, bússolas, GPS e outros instrumentos, toda a aprendizagem deveria ser guardada na mente dos navegadores daquela região.

Considerando o exposto, salientamos que o trabalho supramencionado se aproxima de uma perspectiva mais fluída, plural, ao contrário daquelas revestidas pela uniformidade e engessamento do caráter esportivo.

Outrossim, Pereira (2011) dialoga com a noção de práticas de orientação, pois procura a construção de conhecimento por outras lógicas, outros caminhos, conforme pode-se perceber:

Pensando em termos de licenciatura, pode ser um incentivo para o surgimento de aulas de Educação Física escolar que requeiram do aluno o **gosto pelo novo, pela descoberta, pelo fazer e compreender o que se faz**. Partir do empírico no sentido como se propõe a disciplina pesquisada é **livrar-se de métodos pouco libertários de ensino**, e propor um método que leve a autonomia para **aprender e gostar do que se aprende** (PEREIRA, 2011, p. 99). **Grifos nossos.**

Assim, ao sugerir o uso da noção de Práticas de Orientação, o fazemos para aqueles que buscam o desenvolvimento das ações nas escolas, visto optarmos por trazer elementos que nos auxiliam a compreendê-la enredada em uma perspectiva plural. Lembramos que, conforme mencionado na introdução do estudo, entendemos a noção como um elemento que não busca a precisão, a exatidão do conceito ou categoria, pois trabalhamos com a ideia de veracidade, que é a produção da verdade a partir de um tempo e espaço específico, não resguardando, portanto, sinais de universalismo e/ou conclusões e verdades absolutas (MAFFESOLI, 1998).

Nesse sentido, ressaltamos que a noção de Prática, neste estudo, emerge fundada nos pressupostos teóricos de Certeau (1996), porque a concebemos como uma:

[...] combinação mais ou menos coerente, mais ou menos fluida, de elementos cotidianos concretos (*menu* gastronômico) ou ideológicos (religiosos, políticos), ao mesmo tempo passados por uma tradição (de uma família, de um grupo social) e realizados dia a dia através dos comportamentos que traduzem uma visibilidade social fragmentos desse dispositivo cultural [...]. **Prático vem ser aquilo que é decisivo para a identidade de um usuário ou de um grupo** a medida em que essa identidade lhe permite assumir o seu lugar na rede das relações sociais inscritas no ambiente (CERTEAU, 1996, p. 39-40). **Grifos nossos.**

Admitir a lógica supramencionada evidencia, portanto, que, ao trabalharmos com a noção de prática *certeuniana*, operamos a partir da ideia de que somos todos sujeitos ordinários que caminham pelas “linhas de erre desenhadas pelos jovens autistas” (CERTEAU, 1994, p. 45): subversivas, aleatórias, que não seguem o preestabelecido, a linearidade:

Produtores desconhecidos, os consumidores produzem por suas práticas significantes alguma coisa que poderia ter a figura das “linhas de erre” [...] desenhadas pelos jovens autistas de F. Deligny. No espaço tecnocraticamente construído, escrito e funcionalizado onde circulam, as suas trajetórias formam frases imprevisíveis, “trilhas” em partes ilegíveis (CERTEAU, 1994, p. 45).

Portanto, não somos consumidores passivos, mas produtores de uma fabricação silenciosa, quase invisível, porque empregamos de maneira sutil, multiforme, reinventando de mil maneiras tudo aquilo que nos chega no cotidiano escolar.

Baseados nesta concepção, tomamos como proposição o uso da noção de **Práticas de Orientação**, a fim de que, talvez, ela contemple a multiplicidade das ações que serão relatadas a seguir: Franca (2016) propôs em seu estudo os limites e possibilidades das práticas de aventura na escola com enfoque na Educação Ambiental. O autor detectou algumas dificuldades, como: materiais específicos; espaço; concepção da direção, da orientação técnica pedagógica, professores, alunos; riscos e imprevisibilidade das práticas; tempo de vivência das práticas. A partir disso, foram propostas sugestões para a superação das dificuldades: as bricolagens “seria[m] a união de vários elementos culturais que resultam em algo novo” (CERTEAU, 1994). Como no exemplo citado abaixo:

[...] impossibilidade de serem adquiridos, podem ser adaptados e confeccionados dentro da própria escola com recursos alternativos. No caso desta pesquisa, quanto à corrida de orientação,

os prismas e mapas foram confeccionados pelo próprio professor, utilizando recursos alternativos. Quanto à prática do skate, os alunos trouxeram seus próprios skates. Para a vivência do *slackline*, a escola já disponibilizava deste equipamento, já que o custo é relativamente acessível para as escolas (CERTEAU, 1994, p. 156).

Já o artigo produzido por Bezerra e Pereira (2012) se aproximou da noção de Práticas de Orientação proposta neste estudo, pois sugere ações pedagógicas para a Educação Básica com enfoque na Educação Ambiental. Na experiência relatada no VII CBAA, Bezerra e Pereira (2012) narram a confecção e a “realização das vivências práticas que foram pensadas de acordo com a realidade da escola e os espaços arredores disponíveis e seguros” (BEZERRA; PEREIRA, 2012, p. 149).

Outro trabalho que se aproximou da noção defendida no estudo – Práticas de Orientação – foi o artigo de Franca (2016) que, apesar de apontar inúmeras dificuldades no desenvolvimento da referida prática – falta de espaço, aquisição de equipamentos específicos, gerenciamento do risco devido à falta de conhecimentos técnicos por parte dos(as) professores(as), partiu do movimento realizado pelos sujeitos ordinários para implantar um programa de extensão para atender às escolas da Educação Básica.

No estudo de Bezerra (2018), que teve como proposição analisar o uso do Esporte de Orientação como um instrumento didático possibilitando a aprendizagem da alfabetização cartográfica crítica, ficou-nos evidente uma ação didática que ultrapassou a mera leitura dos mapas, tendo em vista o movimento realizado para a compreensão da realidade social:

Ao chegarem ao parque o professor de educação física informou-lhes que a intenção não era a execução do esporte de orientação para competição, com o objetivo de vencerem, mas para aprenderem as características do lugar, observarem, questionarem o que mais chamou a atenção deles e fazerem a relação com os conteúdos ensinados em sala de aula (BEZERRA, 2018, p.95).

Desse modo, a partir da experiência desenvolvida, Bezerra (2018) pede aos estudantes para que respondam a um questionário e, diante das respostas, percebe que estudantes estabelecem conexões com as desigualdades sociais.

Outra pesquisa que apresentou sinais de um movimento contrário à lógica esportivista, emergiu da dissertação de Silva (2019). O estudo se desenvolveu no Instituto Federal do Paraná, Campus Cascavel, no Curso Técnico em Informática, integrado ao Ensino Médio, com oitenta e oito estudantes com idades ente 14 e 17 anos.

A pesquisa estabeleceu, por intermédio da pesquisa-ação, uma experiência que permitiu a participação dos(as) estudantes, pois a cada etapa, “[...] faziam interferência e, por conseguinte, contribuía no processo, por meio da avaliação das práticas e das etapas anteriores, propondo e sugerindo ações para as práticas seguintes” (SILVA, 2019, p. 57).

Silva (2019) esclarece que a sequência pedagógica se desenvolveu durante cinco aulas e o processo final ocorreu no sábado no Parque Hilário Zardo, um espaço para além do ambiente escolar. Posteriormente, os(as) estudantes foram convidados(as) a pensar a forma como seria possível aquela prática ser desenvolvida dentro da escola, “os estudantes deram sua opinião sobre a vivência da aula anterior e como aprimorar a prática, de forma que sejam utilizadas as instalações da escola” (SILVA, 2019, p. 97).

Para finalizar, gostaríamos de frisar que a opção de trabalhar com a noção de Práticas de Orientação nos permite romper com as ações específicas da referida modalidade esportiva, possibilitando a docentes e estudantes, que habitam nas pluralidades de escolas existentes em um país como o Brasil, intervir e recriar os modos de *usar/fazer* as ações educativas enredadas às temáticas locais, atendendo às demandas, necessidades e determinantes que afetam os múltiplos espaços.

5. Considerações

Considerando que o objetivo do estudo foi investigar os conceitos que fundamentam as terminologias vinculadas à prática da Orientação, pode-se dizer que: a) apesar de diversos autores optarem por pela nomenclatura Orientação, por ser o termo sugerido pela Confederação Brasileira de Orientação, as práticas desenvolvidas por eles extrapolam as formas padronizadas e universais propagadas pelas instituições esportivas; b) ficou-nos evidente a falta de preocupação em fazer a opção por uma única terminologia, visto que diversos estudos utilizam termos diferentes para se reportar à mesma cultura corporal de movimento; c) Por fim, ficou evidenciada nos estudos a potência da Orientação enquanto elemento educativo para a escola, visto que os estudos apresentaram em suas práticas a preocupação em proporcionar experiências, contribuindo na construção do conhecimento.

6. Referências

BEZERRA, Kleiton Ramires Pires. **Alfabetização cartográfica a partir do esporte de orientação**. 2018, 151f. Dissertação (Educação). Universidade Estadual do Mato Grosso. Campo Grande-MS, 2018.

CAUPER, Dayse Alisson Camara. **O ensino do Esporte Orientação na escola: possibilidades e limites de uma proposta à luz da metodologia crítico superadora**. 2018, 390f. Dissertação (Ensino na Educação Básica). Universidade Federal de Goiás. Goiânia, 2018.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**. 1. Artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 1996. v. 1.

FERRAÇO, Carlos Eduardo; SOARES, Maria da Conceição Silva; ALVES, Nilda. **Michel de Certeau e as pesquisas nos, dos, com os cotidianos em educação**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2018. p. 108.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GINZBURG, Carlo. Sinais: raízes de um paradigma indiciário. *In: Mitos, Emblemas e Sinais*. São Paulo: CIA das Letras, 1989. p. 143-275.

HARTMANN, Adriana. **O Desporto Orientação como ferramenta para o ensino da Matemática**. 2014. 106f. Dissertação (Educação). Universidade de Brasília. Brasília, 2014.

LACERDA, Mitsi Pinheiro. Em práticas pedagógicas e investigativas... a surpresa. **Revista Entreideias**. Acesso em: fev. 2021.

LARROSA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, [s.l.], jan./abr. 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/rbedu/n19/n19a02.pdf>. Acesso em: fev. 2021.

MAFFESOLI, Michel. A terra fértil do cotidiano. **Revista FAMECOS: mídia, cultura e gtecnologia**, Porto Alegre: Ed. PUCRS, v. 2, n. 36, ago. 2008.

MINAYO, Maria Cecília de Sousa; COSTA, P.A. Fundamentos teóricos das técnicas de investigação qualitativa. **Revista Lusófona de Educação**, [S.l.: s.n, s/d]. Disponível em: <https://revistas.ulusofona.pt/index.php/rleducacao/article/view/6439>. Acesso em: mar. 2021.

PAIS, José Machado. **Vida cotidiana: enigmas e revelações**. São Paulo: Editora Cortez, 2003. p. 272.

SENNET, Richard. **O Artífice**. 5. ed. São Paulo: Record, 2009. 362p.

SHERMA, Elka Paccelli. **Corrida de orientação: uma proposta metodológica para o ensino da Geografia e da cartografia**. Tese (Doutorado em Geociências e Ciências exatas). 2010, 202f. Universidade Estadual Paulista. Rio Claro, 2010.

SILVA, Arcênio Meneses da. **Esporte orientação e formação de professores de Geografia: uma experiência com cartografia escolar**. 2012. 210 f. Tese (Doutorado em Geografia) – Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2012.

SILVA, Flávia Heloisa. **Corrida de Orientação: estratégia pedagógica, para Educação Física na Educação Profissional e Tecnológica**. Dissertação (Educação Profissional e Tecnológica). 2019, 196 f. Instituto Federal do Paraná. Curitiba, 2019.

SILVA, Marion Costa. **Aplicabilidade da Prática Corporal “Esporte de orientação” no espaço escolar**. 2020. 236 f. Dissertação (Educação) – Faculdade de Ciência e Tecnologia Campus de Presidente Prudente Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente, 2020.

SOUSA, Marcela Tavares de; SILVA, Michelly Dias da; CARVALHO, Rachel de. Revisão integrativa: o que é e como fazer. **Revista Einstein**, [s.l.], v. 8, p.102-106, 2010.

TEIXEIRA, Kelly Silva.; FIGUEIRÓ, Ronaldo Portela.; NASCIMENTO, M. S.; PARAISO ALVES, Marcelo. Socialidade, Tribos Urbanas e o cotidiano dos(as) ciclistas de Volta Redonda. Colóquio técnico-científico do UniFOA. *In: COLÓQUIO TÉCNICO-CIENTÍFICO DO UNIFOA*, 8, 2019. **Anais [...]** Resumos: Humanas e Sociais Aplicadas, Ensino e Metodologias Ativas. Volta Redonda: Centro Universitário de Volta Redonda – FOA, out. 2019.

UVINHA, Ricardo Ricci. Esportes radicais nas aulas de educação física do ensino fundamental. *In: UVINHA, Ricardo Ricci; MOREIRA, Evando Carlos. (org.). Educação Física escolar: desafios e propostas*. Jundiaí, SP: Fontoura, 2004. p. 99-111.

Recebido em: 14/08/2021

Aceito em: 17/05/2022

Endereço para correspondência:

Nome: Marcelo Paraiso Alves

Email: marcelo.alves@ifrj.edu.br



Esta obra está licenciada sob uma [Licença Creative Commons Attribution 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/)